

Os filhos da empregada.

Rosália e o marido haviam conquistado o sonho da casa própria. Mudaram-se do apartamento onde viveram até então, espremidos entre a casa e o negócio. Adquiriram uma moradia ampla, num bairro nobre, compraram um cachorro para cuidar da segurança, mas também para suprir a falta do amor de um filho.

Foi então que decidiram contratar uma empregada, a casa era grande e além do serviço de limpeza, havia a necessidade de alguém que ficasse na casa durante o dia a fim de inibir a presença de ladrões.

Então veio Eli, uma senhora de quarenta e poucos anos, jeito sofrido, fala mansa, morava num bairro distante conhecido pela fama de violência e pobreza. Tinha um filho de oito anos e fora abandonada pelo marido quando este contava com apenas um ano de idade. O menino nunca chegara a conhecer o pai.

No seu trabalho Eli era esmerada, lavava, passava, cozinhava, tudo com carinho. Ao chegar em casa Rosália já sentia na porta o aroma do almoço quentinho, do virado de feijão assado no forno, do aipim cremoso com bacon, como ela nunca havia visto, comida simples, mas saborosa. À noite chegava em casa e a cama estava pronta, esperando apenas que se deitasse. Rosália deixara de sentir-se só, sentia a presença de Eli como uma espécie de anjo que zelava por seu bem-estar.

O menino, de nome André, às vezes vinha com Eli para o trabalho e fica sentado na cama do quatinho enquanto a mãe trabalhava. Rosália gostava do guri, convidava-o para comer à mesa no almoço, mas o menino era acanhado, pegava uma porção e logo se retirava encabulado. Por vezes, Rosália dava-lhe algum serviço leve, como podar a hera do muro na entrada, cortar algumas plantas do jardim, ajudar Eli a lavar as calçadas... ao que ela recompensava como um “dinheirinho pra merenda”. Apenas uma forma de não dar o dinheiro de graça pro menino a fim de não deixa-lo envergonhado e para que aprendesse a valorizar o trabalho da mãe.

Um dia Eli chegou ao trabalho e viu a casa cheia de cacos. A cama do casal quebrada. Rosália com os olhos inchados, parecia que passara a noite em prantos, silente, distante. Eli nada perguntou, mas há muito tempo percebera a grosseria do marido, bem mais jovem, para com a esposa, os gritos, os insultos, a falta de respeito.

Na semana seguinte Eli pediu a conta, disse estar doente e pediu para sair a fim de cuidar da saúde. Rosália sentiu, era como se alguém da família a deixasse, sentiu-se só, mas assentiu e aceitou a decisão dela sem mais delongas.

Começou então a maratona para encontrar alguém que substituísse Eli, que era já da família. Veio uma, e outra, e outra. Ninguém se comparava, ninguém parava no emprego.

Logo em seguida, Rosália engravidou. Nascera um belo menino, que passava pela mão de empregadas e babás enquanto ela trabalhava. No início havia uma que cuidava da casa e outra que se ocupava do menino. Ninguém ficava muito tempo. Quando chegava em casa Rosália encontrava o bebê molhado, com fome, vomitando, com diarreia, febre, galo na cabeça.

Quando a criança contava com cerca de um ano e meio Rosália, procurando por uma babá, encontrou com a diretora de uma escola que aceitava alunos desde o maternal na rua. Ao ver seu cansaço, Ani perguntou:

- Como está seu bebê???

- Está bem, mas preciso de uma babá, não está fácil.

Ao que ela respondeu com muita calma e naturalidade:

- Pois então põe no maternal. Pelo menos não vai aprender a falar “ponhar”.

E assim foi. No dia seguinte Rosália levou o filho de um ano e meio para fazer uma experiência no maternal. Ao chegar na escola a criança agarrou-se aos seus cabelos aos gritos. Rosália desprendeu-se das garras do filho, entregou-o à professora no portão da escola e saiu correndo, as lágrimas a lhe escorrerem copiosamente pelo rosto, soluçava por não ter como deixar seus afazeres e cuidar daquela criaturinha frágil. Culpava-se pelo abandono do pequeno. Mais tarde ligou pra escola e soube que estava bem, que chorara um pouco, mas tão pouco a mãe se afastou, logo se enturmou com os coleguinhas.

Por esta época, Rosália ficou sem a babá que cuidava da criança à noite. Foi então que resolveu contratar uma que dormisse no emprego, para que ficasse com a criança até que chegasse em casa.

Veio, então, Roseli, muito bem recomendada, uma moça na casa dos trinta anos, robusta e disposta. Levantava muito cedo e começava logo a revolução na casa, não havia canto que não limpasse, não havia móvel que não arrastasse, mas o melhor era a comida. Roseli cozinhava como ninguém. Fazia pratos deliciosos, massas, carnes, doces. Assim como os fazia, também os comia, era uma moça forte.

Roseli vinha de uma família do interior e tinha um filho de oito anos que às vezes vinha passar alguns dias com ela. O pai não se sabia quem era, dera no pé quando soube que estava grávida. O menino morava com os pais no interior. Rosália se compadecia da moça e via-se na situação dela, deixar o filho para cuidar dos filhos dos outros, tal qual ela.

Foi então, que o Eli apareceu na escola onde trabalhava para matricular o filho. O menino começou no nível básico de informática. André era dedicado, não perdia aula, perguntava, ficava além do horário praticando o que aprendia. Passou de nível e foi avançando.

O marido de Rosália foi, então, contratado para assumir um emprego no serviço público. Teria que encontrar mais um monitor para ajudar a cuidar dos alunos. Havia outros professores, mas faltaria alguém. Foi quando Rosália sugeriu André, ele já estava com 15 anos e poderia auxiliar meio-período. O marido rejeitou de pronto a sugestão e o outro professor também. Mesmo contra a vontade destes, acabaram chamando André para monitorar as turmas.

André, garoto astuto, aceitou de pronto. Chegava no horário, sempre de banho tomado, roupa impecavelmente passada, os cabelos cacheados muito limpos e bem cortados. O menino era atencioso, educado, ajudava em tudo que pudesse ser útil. Não precisavam chamá-lo, se via que algo podia ser melhorado, adiantava-se e resolvia os problemas.

Roseli, a empregada, estava já há quase três anos na casa, mas tinha um gênio terrível. À medida em que fora se acostumando na casa, foi deixando seu gênio aflorar. Era respondona, mal humorada, atrevida. Rosália, por vezes, chegava em casa e encontrava o filho com galo na cabeça, manchas roxas pelo corpo. Ao indagá-la a resposta era sempre a mesma:

- Chegou assim da escolinha.

Rosália começou a desconfiar de que algo estava errado, percebia o medo do pequeno quando saía de casa e o deixava aos cuidados de Roseli. Um belo dia, ao indagar sobre algo que dera falta, as duas acabaram discutindo e Roseli acabou indo embora.

André continuava trabalhando na escola. A casa curso novo que era implantado, perguntava se podia fazer também, no que Rosália sempre assentiu. Ao todo foram mais de sessenta cursos de informática, sempre que terminava mais um, o certificado era emitido e o rapaz ia acrescentando ao seu currículo.

O casamento, que já ia mal, chegava ao fim. Rosália havia decidido romper com as agressões, os insultos, as humilhações. O filho já estava com seis anos. A separação foi litigiosa, dolorida, difícil.

Foi neste momento que Rosália viu diante de si alguém que a defendia com unhas e dentes, que a ajudou, que ajudou a cuidar até mesmo do filho. André tornou-se o substituto do ex-marido no trabalho, muito mais que isso, tornou-se o seu homem de confiança, ainda que fosse apenas um jovem de 16 anos.

Ao completar dezoito anos, Rosália convidou-o a estudar administração na faculdade em que trabalhava. E este respondeu:

- Não era bem isso que eu queria. Queria fazer computação.

Esta aconselhou:

- Comece, veja o que é na prática. Faça este curso e depois você se especializa na área que escolher.

Tal não foi a surpresa. André começou a cursar administração apaixonou-se pelo curso. Não perdia uma só aula, era motivado, indagador. Vinha trabalhar empregado com as

aulas, com as lições aprendidas, passavam horas discutindo assuntos os mais diversos abordados pelos professores.

Logo no primeiro ano, André começou a namorar uma colega de turma, uma mocinha simples, mas muito doce, dedicada e inteligente. A namorada morava numa cidadezinha próxima, oriunda de boa família, bem educada, enfim, uma moça para casar. Durante os quatro anos de faculdade os dois andaram de mãos dadas como dois pombinhos. André cada dia mais apaixonado.

Um certo dia, André pediu para falar com Rosália em particular. Estava nervoso, não sabia como começar. Explicou que estava no último ano da faculdade, que pensava em se casar e que chegava a hora de partir para outros voos, queria abrir seu próprio negócio, tinha um projeto com outros dois amigos e estava empolgado, precisava crescer.

Rosália, apesar de saber da falta que faria, incentivou André para que fosse conquistar o seu quinhão neste mundo. Lembrou-lhe que dificuldades haveriam de aparecer, mas que não desistisse, que nunca deixasse de acreditar em si mesmo e em suas potencialidades.

André saiu, abriu sua pequena empresa num quartinho de casa e Rosália de patroa passou a cliente de André. Via seu garoto lutar com todas as forças para conquistar o seu espaço. Por vezes via-o triste e desanimado, cortava-lhe o coração, mas sempre o encorajava a seguir adiante, a não chorar de vítima das circunstâncias, a brigar pelo seu espaço.

Veio a formatura. Lá estava André vestido com a beca recebendo o grau do ensino superior. Ao entregar-lhe o diploma um filme passou em sua mente. No momento em que entregou-lhe o canudo e olhou nos olhos, lembrou-se do menino amedrontado que ficava sentado no quartinho da empregada com medo que lhe falassem. O menino que tinha vergonha de almoçar com eles à mesa. Aquele menino agora era um homem, um profissional, dono do seu próprio negócio. Aquele garoto que nunca conheceu o pai, que vivera com a mãe, com o pouco que dispunha, agora era um administrador, um empresário que começava a se destacar. Seu coração encheu-se de alegria e orgulho. Queria abraçá-lo, seu coração pulava de emoção. Ao final da formatura viu Eli, cabelo arrumadinho e roupa nova, já aposentada, orgulhosa do filho, deu-lhe um abraço. Sentiu ciúmes, aquele tipo de sentimento bobo que de vez em quando toma conta da gente. Sentia André mais seu do que dela, tinham mais em comum do que com ela.

Após a graduação veio a pós graduação e André então mostrou mais uma vez o seu valor. Por esta época, conheceu um empresário prestes a abrir uma grande empresa no setor papaleiro na pequena cidade em que sua namorada morava. Aos poucos foi se aproximando, dando ideias, colaborando com o que podia, sem cobrar centavo. Desenvolveu a logomarca, as embalagens, ajudou com documentos e foi, aos poucos ganhando confiança. Quando a fábrica começou a tomar forma veio o convite para trabalhar e assumir um posto de direção ganhando mais de três vezes o que sua pequena empresa faturava.

André estava inseguro, havia trabalhado duro para conquistar uma carteira de clientes, havia colocado toda a sua expertise e agora era convidado a abandonar tudo e começar uma nova empreitada. E se não desse certo? Veio então aconselhar-se com Rosália. Esta não hesitou, disse-lhe:

- Vá em direção aos teus sonhos. Por mais que você goste do que faz agora, é lá que está a tua oportunidade.

- ... e se não der certo? – indagou André, inseguro.

- Se não der certo, eu sempre estarei aqui pra te receber de volta. – disse Rosália.

Hoje André trabalha num cargo de direção, ganha um salário invejável para a região onde vive e ainda trabalha como monitor EAD do curso de administração à noite. Casou-se com sua linda Aninha, construíram casa e planejam um filho.

Desde que saiu de sua casa, Rosália nunca mais soube de Roseli, até que um certo dia um garoto de cabelo verde e piercing no nariz pediu que o adicionasse em sua rede social. Foi então que se deu conta que era este, Donatel, o filho da outra empregada.

O tempo passou e aquele garoto também cresceu. Terminou o ensino fundamental e entrou para um grupo de dança. Rosália, então, passou a vê-lo pelas ruas, sempre acompanhado de outros jovens em algazarra. Tornara-se um menino falante, contestador. Quando se formou no Ensino Fundamental, foi aceito numa instituição federal. Tudo o que sabe dele até então é de que assumiu sua condição LGBT, tornou-se um ativista em prol dos direitos humanos e sociais e, frequentemente, manda-lhe mensagens perguntando se está precisando de empregada e insistindo para que a aceite de volta, pois a mãe agora tem mais uma filha e as coisas estão difíceis.